EXPOSIÇÃO NACIONAL DO RIO DE JANEIRO EM 1908

SECÇÃO PORTUGUESA

Notas sobre Portugal

Volume I

LISBOA
IMPRENSA NACIONAL
1908

INDUSTRIA PECUARIA

1. Estatistica

O valor da producção agricola nacional orça por 200:000 contos. Os productos animaes, sem contar os estrumes e o trabalho, figuram nesta somma com uma quota parte consideravel, maior que as do vinho, azeite, frutas e hortaliças, madeiras, etc., e apenas inferior á verba dos cereaes.

A importancia da industria pecuaria é antiga e de certo modo caracteristica da lavoura portuguesa. Durante os primeiros reinados, nos tempos da reconquista e nas epocas agitadas que se lhes seguiram, os gados, como riqueza que facilmente se punha a coberto das incursões inimigas, tinham a preferencia do colono. Mais tarde, no decurso da nossa aventura maritima, com a terra meio abandonada, á falta de braços que a arroteassem, eram elles ainda que melhor valorizavam os extensos tractos solitarios do sul do pais, e que nas zonas menos despovoadas, por toda a faixa litoral d'entre Mondego e Minho, constituiam o recurso mais valioso do grangeio.

Modernamente, essa preponderancia das especies domesticas attenuou-se em parte, porque outros ramos da agricultura se desenvolveram e aperfeiçoaram; mas hoje ainda, tanto o modesto cultivador do Minho ou do Algarve, como qualquer dos grandes lavradores dos campos ribatejanos ou do Alemtejo, é dos gados que tiram o melhor do rendimento liquido das suas explorações.

O ultimo recenseamento pecuario, relativo ao continente do reino, apurou os seguintes dados estatisticos:

QUADRO A

NUMERO DE EXISTENCIAS E RESPECTIVOS VALORES

Especies	Numero de cabeças			Valores	
	Total	Por kilometro quadrado	Por 1:000 habitantes	Medio por cabeça — Réis	Total — Contos
Cavallar.	88:000	0,99	23,00	28$838	2539,5
Muar	50:690	0,57	13,22	29$525	1496,7
Asinina	137:950	0,55	36,04	4$934	680,7
Bovina	624:568	7,03	163,20	30$389	16245,0
Ovina	2.977:454	33,55	777,93	$875	2066,3
Caprina	936:863	10,56	244,80	$909	852,3
Suina	971:085	10,94	253,72	7$053	6850,4
Total	5.786:610	64,19	1491,21		31331,1

QUADRO B

PESO VIVO (KILOGRAMMAS) [1]

Especies	Medio por cabeça	Total	Por kilometro quadrado	Por 1:000 habitantes	Por cento do total
Cavallar.	267	23.496:000	265	6138	5,6
Muar	264	13.382:160	150	3496	3,2
Asinina	136	18.761:200	211	4910	4,4
Bovina	298	186.121:264	2097	48628	44,6
Ovina	27	80.391:258	906	21003	19,2
Caprina	25	23.421:575	264	6119	5,5
Suina	75	72.831:375	821	19029	17,4
Total		418.404:832	4714	109318	99,9

[1] Em vez da reducção a cabeças normaes de gado grosso, empregada no recenseamento, adoptou-se o peso vivo das reses.

QUADRO C

Animaes de capoeira [1]

	Numero de cabeças		Valores		Peso vivo (kilogrammas)			
	Total	Por 1:000 habitantes	Total — Contos de reis	Medio por cabeça — Réis	Total	Medio por cabeça	Por kilometro quadrado	Por 1:000 habitantes
Coelhos . . .	1.506:490	300	331.4	220	3.756:225	2.5	—	
Gallinhas . . .	5.523:820	1100	2209.5	400	13.809:550	2.5	—	
Pombos	1.104:760	220	243.0	125	441:904	0.4	—	
Perus.	200:860	40	150.6	750	903:870	4.5	—	
Patos	451:940	90	158.2	350	768:298	1.7	—	
Total . . .			3092.7		19.683:847		222	4020

[1] A estatistica d'estas especies é feita por aproximação, baseia-se em dados colhidos directamente em varios concelhos do norte, centro e sul, dados que se generalizaram a todo o reino, attribuindo a cada fogo um certo numero de cabeças, media das que se obtiveram para os referidos concelhos.

As gallinhas são, de todos os animaes de capoeira, os que maior importancia numeral offerecem. Nos campos e nas pequenas terras de provincia, rarissimo é o casal ou o predio que não sustente algumas, e até nas cidades populosas, incluindo Lisboa e Porto, ha grande quantidade d'ellas, dentro de quintaes, ou mesmo vagueando pelas ruas mais excentricas e de pouco transito. Alem da raça commum, existem no pais numerosos exemplares das mais estimadas castas estrangeiras, cuja criação está hoje em dia bastante desenvolvida, como se tem verificado pelas exposições realizadas nos ultimos annos.

O commercio d'estas aves vae tomando incremento cada vez maior: todos os annos saem para Espanha e para o provimento dos navios muitos milhares de cabeças. A exportação de ovos regula actualmente por dezoito milhões, com um valor excedente a 165:000$000 réis.

QUADRO D

Gado grosso e meudo e animaes de capoeira nas ilhas adjacentes

Especies	Madeira e Porto Santo								Açores [1]				
	Numero de cabeças			Valores		Peso vivo (kilogrammas)			Numero de cabeças	Valores — Contos de réis	Peso vivo (kilogrammas)		
	Total	Por kilometro quadrado	Por 1:000 habitantes	Total — Contos de réis	Media por cabeça — Réis	Total	Por kilometro quadrado	Por 1:000 habitantes			Total	Por kilometro quadrado	Por 1:000 habitantes
Cavallar	309	0,35	2.31	22,7	73$611	82:503	—	—	1:700	—	453:900	—	
Muar.	77	0,09	0,58	3,0	38$175	20:328	—	—	2:500	—	660:000	—	
Asinina	51	0,05	0.38	0.3	4$806	6:936	—	—	8:506	—	1.156:816	—	
Bovina	28:417	32,31	212.98	515.0	18$120	8.468:266	—	—	60:600	—	18.058:800	—	
Ovina	18:691	21,15	139.43	16,4	879	502:308	—	—	68:000	—	1:836:000	—	
Caprina	16:517	18.78	123,79	13,0	795	412:925	—	—	21:320	—	533:000	—	
Suina	34:530	39.27	258.79	157.4	4$559	2.071:800	—	—	58:418	—	3.505:080	—	
Total	98:505	112,02	738,27	727,8		11.565:066	13:187	85:128	221:044	2370	26.203:596	11:391	111:648
Animaes de capoeira . .	—	—	—	89.3		607:011	692	4:528	—	152,1	1.027:469	430	4:361
Total geral	98:505	112.02	738,27	817.1		12.162:067	13:879	89:656	221:044	2522,4	27.231:065	11:821	116:009

[1] O numero de cabeças de gado grosso e meudo e os respectivos valores são os que figuram no artigo «Les animaux agricoles», do Sr. Paula Nogueira, inserto no *Portugal au point de vue agricole*

Resumindo, tem-se:

QUADRO E

	Numero de cabeças de gado grosso e meudo	Valores dos gados e dos animaes de capoeira — Contos de réis	Peso vivo dos gados e dos animaes de capoeira — Kilogrammas		
			Total	Por kilometro quadrado	Por 1:000 habitantes
Continente.	5.786:610	34423,8	438.094:679	4:936	114:607
Ilhas adjacentes	319:549	3339.4	39.393:132	12:065	101:103
	6.106:159	37763,2	477.487:811	5:190	113:359

Cada kilometro quadrado de territorio português, no continente e ilhas adjacentes, sustenta 5:190 kilogrammas de materia animal domestica.

QUADRO F

DISTRIBUIÇÃO DA MASSA PECUARIA PELOS DISTRICTOS DO CONTINENTE

Numero de cabeças

	Cavallares	Muares	Asininas	Bovinas	Ovinas	Caprinas	Suinas
Aveiro	3:519	1:213	1:371	56:400	97:066	18:635	51:685
Beja	5:557	19:705	12:959	27:000	283:522	73:284	97:577
Braga.	5:732	1:260	2:089	77:171	82:407	22:235	72:075
Bragança	4:249	1:396	10:950	33:672	492:434	81:328	65:388
Castello Branco . .	1:786	1:345	6:734	17:339	190:797	125:642	39:690
Coimbra	4:823	1:578	6:890	28:338	197:527	51:871	56:235
Evora	4:866	6:070	9:600	31:921	243:771	79:272	90:308
Faro	2:169	5:730	12:475	19:170	47:280	33:792	16:990
Guarda	3:636	2:068	10:186	17:892	279:873	36:155	34:619
Leiria	2:195	2:333	13:109	19:683	102:775	35:724	53:321
Lisboa	15:200	3:788	16:291	37:806	103:475	51:466	28:170
Portalegre	3:858	4:674	8:802	32:172	234:334	79:877	71:157
Porto	5:614	2:034	2:241	75:558	46:055	10:457	78:570
Santarem	11:493	1:995	14:576	30:870	121:000	81:225	45:090
Vianna do Castello .	2:814	294	418	50:637	37:552	11:985	20:211
Villa Real.	4:506	1:759	5:185	33:313	136:352	84:133	75:282
Viseu	3:797	1:610	4:074	35:035	281:234	59:788	76:707
Exercito	2:186	238	—	—	—	—	—
	88:000	50:690	137:950	624:568	2.977:454	936:869	971:085

QUADRO G

PESO VIVO DAS ESPECIES PECUARIAS MANTIDO EM CADA UM DOS DISTRICTOS DO CONTINENTE

	Kilogrammas								
	Cavallar	Muar	Asinina	Bovina	Ovina	Caprina	Suina	Total	Por kilometro quadrado
Aveiro	939:573	320:232	186:156	16.807:200	2.620:782	465:875	3.876:375	25.216:493	9:142
Beja	1.483:719	2.826:120	1.762:121	8.221:800	7.655:091	1.832:100	7.318:275	31.102:532	3:032
Braga	1.530:111	332:610	281:101	22.996:958	2.221:989	555:875	5.105:625	33.330:635	16:090
Bragança	1.131:183	368:511	1.189:200	10.031:256	13.295:718	2.033:200	4.754:100	33.109:501	5:085
Castello Branco	176:862	355:080	915:821	5.161:310	5.151:519	3.111:050	2.976:750	18.161:425	2:636
Coimbra	1.287:711	116:592	937:040	8.111:721	5.333:229	1.296:775	4.217:625	21.933:726	5:916
Evora	1.299:222	1.760:880	1.305:600	9.512:158	6.581:817	1.981:800	6.773:850	29.215:627	3:948
Faro	579:123	1.512:720	1.696:600	5.712:660	1.276:560	811:800	1.271:250	12.896:713	2:569
Guarda	970:812	515:952	1.385:296	5.351:816	7.556:571	903:875	2.596:125	19.290:717	3:523
Leiria	586:065	615:912	1.782:824	5.865:531	2.771:925	893:100	3.999:075	16.517:435	4:841
Lisboa	1.058:100	1.000:032	2.215:576	11.266:188	2.793:825	1.286:650	2.112:750	21.733:421	3:114
Portalegre	1.030:086	1.233:936	1.197:072	9.587:256	6.327:018	1.996:925	5.336:775	26.709:068	4:286
Porto	1.498:938	536:976	301:776	22.516:281	1.213:185	261:425	5.892:750	32.254:634	13:950
Santarem	3.068:631	526:680	1.982:336	9.199:260	3.267:000	2.030:625	3.381:750	23.456:282	3:543
Vianna do Castello	751:338	77:616	56:818	15.089:826	1.013:901	299:625	1.515:825	18.804:982	8:462
Villa Real	1.303:102	464:376	705:160	9.927:271	3.681:801	2.103:175	5.646:150	23.730:711	5:553
Viseu	1.013:799	125:010	551:061	10.410:130	7.593:318	1.191:700	5.753:025	27.271:376	5:135
Exercito	583:062	62:832	—	—	—	—	—	646:491	—
	23.196:000	13.382:160	18.761:200	186.121:961	80.391:258	23.121:575	72.831:375	418.401:832	4:714

QUADRO H

Movimento commercial dos gados

1.—Mappa, por quinquennios, do numero e valor medios das cabeças de gado importadas e exportadas annualmente, e dos excedentes da importação e da exportação

Especies	Numero de cabeças importadas	Valor medio das cabeças importadas — Reis	Numero de cabeças exportadas	Valor medio das cabeças exportadas — Reis	Excedentes	
					Importação	Exportação
1871 a 1875						
Cavallar	1:433	55$059	819	18$315	614	—
Muar	981	52$691	984	30$691	—	4
Asinina	602	11$628	706	8$640	—	104
Bovina	45:875	19$025	20:872	69$691	25:003	—
Ovina	2:494	1$002	66:419	1$404	—	63:925
Caprina	704	1$136	26:765	1$419	—	26:061
Suina	12:728	4$030	9:297	12$908	3:431	—
1876 a 1880						
Cavallar	1:244	45$059	582	26$000	662	—
Muar	611	57$937	1:462	24$343	—	851
Asinina	838	8$591	539	8$103	299	—
Bovina	50:016	17$456	23:281	55$732	26:735	—
Ovina	3:913	$999	86:936	1$450	—	83:023
Caprina	826	1$331	18:733	1$500	—	17:907
Suina	18:218	5$253	7:097	14$431	11:121	—
1881 a 1885						
Cavallar	1:527	30$884	1:920	40$150	—	393
Muar	1:130	53$451	2:080	49$549	—	950
Asinina	1:299	11$741	1:375	12$225	106	—
Bovina	43:755	16$860	18:941	83$000	25:114	—
Ovina	17:191	1$209	133:843	1$086	—	116:652
Caprina	3:351	1$461	33:272	1$565	—	29:921
Suina	14:425	4$663	17:365	14$132	—	2:940
1886 a 1890						
Cavallar	2:546	17$139	357	54$061	2:189	—
Muar	1:016	42$322	427	48$009	589	—
Asinina	692	10$405	320	12$015	370	—
Bovina	41:941	25$645	7:291	84$680	30:650	—
Ovina	6:380	$705	93:577	1$086	—	87:197
Caprina	623	$963	31:032	1$424	—	30:409
Suina	10:088	5$511	7:185	10$230	2:803	—

Especies	Numero de cabeças importadas	Valor medio das cabeças importadas — Réis	Numero de cabeças exportadas	Valor medio das cabeças exportadas — Réis	Excedentes	
					Importação	Exportação
1891 a 1895						
Cavallar.	3:128	46$932	2:397	43$596	731	—
Muar	2:250	46$507	2:171	43$865	79	—
Asinina	5:815	10$593	6:051	10$345	—	236
Bovina	29:975	24$373	5:492	56$500	24:483	—
Ovina	17:322	1$321	195:127	1$667	—	177:805
Caprina	3:238	1$760	51:927	1$671	—	48:689
Suina	10:785	7$436	17:192	8$998	—	6:407
1896 a 1900						
Cavallar.	10:302	43$195	8:010	43$136	2:062	—
Muar	8:532	49$976	8:771	43$567	—	239
Asinina	20:109	10$610	30:365	10$548	—	11:256
Bovina	39:642	23$112	15:918	35$092	23:724	—
Ovina	691:188	1$823	330:707	1$688	—	261:219
Caprina	111:124	1$824	81:061	1$706	—	60:987
Suina	48:026	7$031	35:917	10$670	12:109	—
1901 a 1905						
Cavallar.	9:716	60$631	9:596	52$450	120	—
Muar	10:073	62$136	9:085	62$014	988	—
Asinina	29:042	11$380	31:388	12$744	—	2:346
Bovina	42:886	28$064	15:171	38$677	27:712	—
Ovina	71:883	2$096	394:256	1$845	—	322:373
Caprina	10:579	2$117	85:615	1$946	—	75:036
Suina	65:218	7$053	38:989	10$925	26:309	— [1]

[1] Actualmente o nosso movimento commercial em especies domesticas não vae alem da Espanha, com quem celebrámos, em 1893, um tratado para a livre permuta de gados entre os dois paises. A estatistica aduaneira não exprime á justa o montante das transacções effectuadas, pois que muitos dos animaes inscritos como entrados ou saidos apenas atravessaram a raia em serviço, ou destinavam-se a um apascoamento temporario em terrenos proximos d'ella. Por taes motivos o que tem valor elucidativo são os numeros que representam os excedentes da importação ou exportação.

QUADRO I

PRODUCTOS ANIMAES (*a*)

I. — Leite . . .	121.040:420 litros, no valor de			4.963:242$000
II. — Lã	5.338:910 kilog., no valor de			1.306:466$600
III. — Carne :				
a) de gado grosso e meudo :				
1. Bovina . .	21.500:000 kilog., no valor de		5.733:333$000	
2. Ovina . .	14.208:000 »	»	2.131:200$000	
3. Caprina. .	7.770:000 »	»	1.010:100$000	
4. Suina. . .	47.000:000 »	»	17.390:000$000	26.264:633$000
b) de animaes de capoeira :				
1. Coelhos.			120:600$000	
2. Pombos			75:600$000	
3. Perus			91:720$000	
4. Patos			46:640$000	
5. Gallinhas			720:000$000	1.053:560$000
IV. — Ovos . . .	324.000:000, no valor de			2.916:000$000
V. — Mel	750:000 kilog., no valor de		150:000$000	
Cera bruta	1.100:000 »	»	220:000$000	371:000$000
VI. — Casulos de sirgo				4:000$000
				36.888:901$600

(*a*) Não incluimos aqui o trabalho e os estrumes, porque elles não são verdadeiros productos, mas simples factores de producção. O valor do trabalho pode computar-se em 80:000 contos, e o dos estrumes em 10:000.

2. As raças, seu regime e funcções

Sob o ponto de vista da densidade pecuaria, o continente pode dividir-se em tres regiões.

A 1.ª tem uma extensão de 13692.5 k², onde se sustentam 131.540 toneladas de peso vivo, ou 9:606 kg. por k². Abrange a faixa litoral de noroeste e as vertentes occidentaes dos systemas gallaico-duriense e luso-castelhano, isto é, os districtos de Vianna do Castello, Braga, Porto, Aveiro e quasi todo o de Coimbra, e coincide sensivelmente com o Alem-Douro litoral, Beira central e parte da Beira litoral do Sr. Barros Gomes. Tem clima oceanico, semelhante ao do noroeste europeu. A população, mormente nas zonas baixa e media, é em extremo densa, a propriedade muito dividida e quasi horticola o grangeio da terra. Predomina a cultura do milho, e é o esbandeiramento e a esfolha d'este cereal e, mais

ainda, as especies pratenses, como a erva castelhana [*Lolium Italicum,* Braun], a mollar [*Holcus lanatus,* L.], a serradella [*Ornithopus sativus,* Brot.], a lingua de ovelha [*Plantago lagopus,* L.], alguns trevos, etc., em cultura intercalar ou alterna com o milho, que constituem a base do arraçoamento do gado.

A 2.ª consta de 24695,5 k², com 119.943 toneladas de peso vivo, ou 4857 kg. por unidade de superficie. A sua parte mais vasta e caracteristica fica por detrás d'aquellas serranias, nos flancos orientaes e nas terras altas que ellas sobranceiam. Constituem-na os districtos de Villa Real, Bragança, Viseu, Guarda e Leiria e abrange aproximadamente o Alem-Douro transmontano, Beira transmontana, e parte da Beira litoral e Centro litoral. É de clima quasi continental no seu extremo leste; população muito menos densa, propriedade menos dividida; cultura dominante, em enormes tratos, o centeio e a batata. É a terra dos *lameiros,* que são ervaçaes ou prados permanentes, onde, em consequencia da natureza siliciosa dos solos, abundam as gramineas [*Arena, Briza, Poa, Lolium, Holcus lanatus, Anthoxanthum odoratum,* etc.], situados o mais das vezes nas depressões intercollinares, e irrigados pelas linhas de agua que nesses pequenos valles serpeiam. As ervas e os fenos excellentes de taes prados compõem quasi por completo o penso dos animaes.

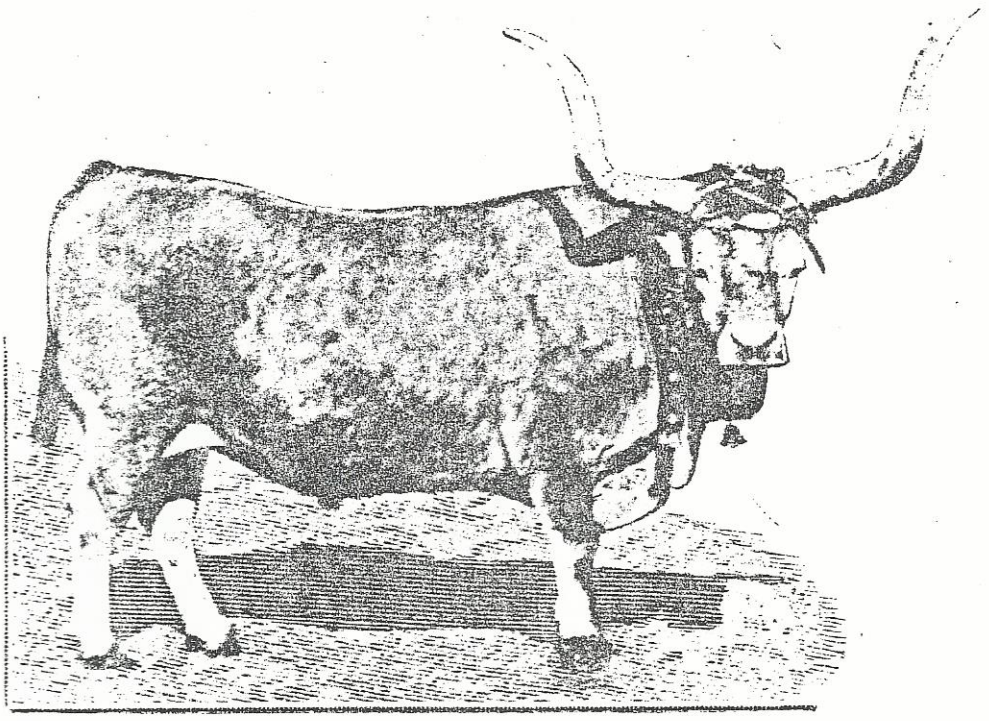
A 3.ª mede 50352,8 k² e mantem 166.275 toneladas de peso vivo, correspondendo a 3302 kg. por k². É formada pelo peneplano do Alemtejo [1], em que entram os districtos de Castello Branco, Santarem, Portalegre, Lisboa, Evora, Beja e Faro, e corresponde á Beira meridional, parte do Centro litoral, Baixas do Sorraia, Alto Alemtejo, Baixo Alemtejo litoral, Baixas do Guadiana e Algarve. Pertence, em grande parte, a clima quasi mediterranico. É o país classico da grande propriedade e da grande cultura, da frumentaria sobretudo, abundante em montados de sobro e azinho, intervallados de vastas esteppes desnudadas. Os fenos que ha colhem-se nos pousios e nas terras arborizadas; os ervaçaes espontaneos pouco duram, de modo que é a palha de trigo que em maior escala contribue para o sustento das reses.

---

[1] O Sr. Choffat dá este nome ao territorio a sul do systema luso-castelhano.

Os bovideos e os suinos desempenham na economia agricola de qualquer d'estas regiões papel bem mais importante que os equinos, e por isso d'elles nos occuparemos em primeiro logar.

Gado bovino. — É a nossa mais valiosa especie domestica, tanto pelo numero consideravel de existencias e quilate de alguns dos grupos, como pelas funcções economicas que desempenha.



BOI BARROSÃO

O armentio do continente compõe-se de cinco raças, autochtonas, ou habitando o actual territorio português da Europa desde os tempos proto-historicos, e de uma outra trazida da Hollanda em meados do seculo XVIII; ha ainda formas de cruzamento a que esta rapida noticia não poderá alludir. Essas raças são: a *barrosã*, a *arouquesa*, a *minhota*, a *mirandesa*, a *alemtejana* e a *turina*.

Raça barrosã — É uma casta de montanha, peculiar ás serranias do systema gallaico-duriense [1], situadas entre a linha de des-

[1] Sob esta designação comprehende o Sr. Choffat toda a região dos terrenos antigos a norte do systema luso-castelhano.

locação Regua-Chaves e o valle do Minho. Tem corpulencia meã, côr castanha clara ou melada; cabeça curta, grossa, de larga fronte deprimida entre os olhos; focinho negro e arrebitado, simiesco, armação de grande envergadura, lyriforme. O centro da sua producção genuina é a terra de Barroso (concelhos de Montalegre e Boticas). A leste d'elle, na serra do Alvão, existe uma sub-raça denominada *maronesa,* que se distingue da barrosã pela cabeça mais comprida e estreita, focinho grosso e orlado de pêlos brancos, armação mais curta, menos aberta e descaida para a frente e côr castanha escura. A area de dispersão da rês barrosã, propriamente dita, vae do Rio Minho ao Tamega; a da maronesa é muito menor, limita-se a uma faixa longitudinal entre o Tamega a oeste e a falha Regua-Chaves a nascente.

Raça arouquesa — É outra casta montanheira, tambem com solar no systema gallaico-duriense, mas a sul do Douro, na parte occidental das serras de entre Vouga e Coa. Arouca, no districto de Aveiro, é um dos seus melhores centros productores, e d'ahi provém o nome com que a designam. Tem corpulencia meã, côr fulva mais ou menos avermelhada, cabeça grossa, mediana, de chanfro comprido, deprimido e arredondado por cima do focinho, que é grosso e negro; olhaes brancos ou brancos e pretos, chifres medianos, grossos na base. Distinguem-se nella tres sub-grupos: os *arouqueses de S. Pedro do Sul,* nados no concelho d'este nome; são os representantes mais numerosos e espalhados da collectividade, e a elles se applica especialmente a diagnose feita; os *arouqueses pairotos,* produzidos em Arouca, Cambra e curso superior do rio Paiva; os *arouqueses caramuleiros,* oriundos da serra do Caramulo, os mais pequenos de todos. Este gado encontra-se disperso, em serviço, na Beira central, na região vinhateira do Douro, que é onde mais o aproveitam, até perto de Barca d'Alva, no curso do Tamega, ultrapassando Ribeira de Pena, e no valle inferior do Zezere.

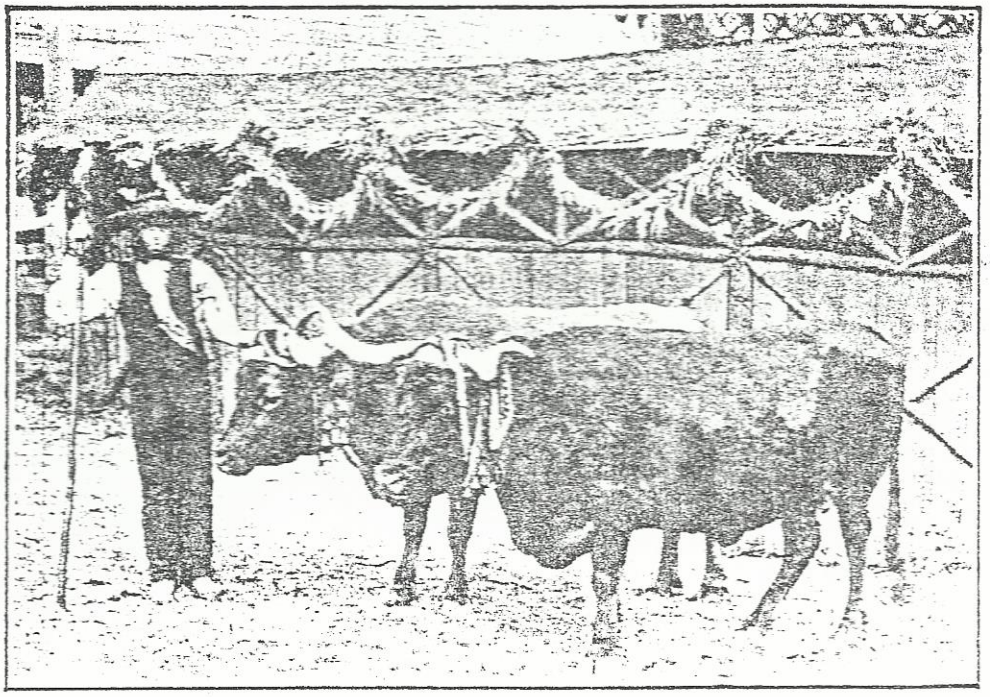
Raça minhota — Nativa das zonas media e litoral do Minho, apparecendo os seus representantes em maior numero desde a fronteira da Galliza até o rio Cavado. É de corporatura meã, côr entre o fulvo e o acerejado, cabeça comprida, de fronte larga, ligeiramente abaulada e chanfro direito; focinho pequeno e almarado assim como os olhos; chifres curtos. Ha uma sub-raça denominada dos *marellos* que tem a pelaje amarellada ou ruivo-clara,

os chifres mais compridos e abertos, olhaes brancos e escuros, focinho almarado ou negro, vulgar em todo o Minho, especialmente no centro da provincia. A rês minhota não possue qualidades de montanheira; vive nas serras de leste (Peneda, Amarella, etc.), mas já cruzada com a barrosã.

Raça mirandêsa — Oriunda das altas terras do Alem Douro transmontano. O centro da sua producção genuina é a *terra de Miranda,* nos limites occidentaes do planalto superior castelhano, entre as planicies terciarias da Castella Velha e as serranias do systema gallaico-duriense. É o bovino português que maior corpulencia attinge. Tem a côr castanha mais ou menos escura; cabeça de tamanho regular, fronte ligeiramente concava; espessa marrafa sempre ruiva; chifres de pequena envergadura, acabanados, com as pontas reviradas para fora e para cima; focinho negro, invariavelmente orlado de pêlos brancos; espinhaço rectilineo com risca ruiva ou esbranquiçada. Fora do solar a morphologia modifica-se-lhe, em virtude das condições climaticas, orographicas e culturaes, mui differentes nas diversas zonas do seu extenso *habitat*. A norte, nos arredores de Bragança, onde o relevo é accidentado e já abundam os prados, ha o *gado bragancês*, que é o boi mirandense, mas de maior corpo, pelaje de um castanho retinto, cabeça mais curta e cheia, chifres mais grossos e menos acabanados. A sul do Douro, nas Beiras e Centro litoral, existe o *mirandês beirão,* que se distingue pela cabeça mais estreita e comprida, hastes irregulares, demasiado abertas ou fechadas, pelaje mais clara tirante a melada; a sua estatura varia: menor no *gado serrano* que habita a montanha, até quasi onde a cultura chega, no *gado do campo,* proprio das planicies, iguala e a meude excede a da rês brigantina. No delta do Tejo e nas lezirias do Sado cria-se o *gado bravo,* o conhecido toiro de lide, que, morphologicamente, differe do mirandês puro em ser mais baixo de corpo, mais fino de ossatura e mais retinto de côr.

Raça alemtejana. — Peculiar do peneplano do Alemtejo, do pais das esteppes, da grande cultura e da grande propriedade. Tem, como o boi das esteppes eurasiaticas, o terço posterior mediocremente musculado, menos alto que o anterior, grandes chifres, a cabeça comprida e estreita; mas esta é ligeiramente acarneirada, os olhos e focinho almarados; a côr de um fulvo mais ou menos avermelhado. Distinguem-se nella dois principaes sub-

grupos. Um, a que em especial se applicam as caracteristicas acima indicadas, é *gado alemtejano propriamente dito,* o qual adquire estatura avantajada quando se cria e vive no alto e medio Alemtejo, ao passo que nos plainos aridos do sul da provincia a corpulencia se lhe reduz muito. O outro é *gado do Algarve.* Nesta orla maritima a rês alemtejana modifica-se: a cabeça encurta-se-lhe, os chifres diminuem de tamanho e acabanam-se um



CINGEL DE VACAS ALGARVIAS CEVADAS

pouco; o quarto traseiro desenvolve-se, o focinho passa de almarado a pardo ou negro, e a pelaje torna-se de um vermelho retinto, sendo a cabeça quasi sempre afuscada, como nalgumas raças do norte de Africa.

Raça turina. — Os bovinos hollandeses de que esta casta provem trouxe-os da Nederlandia, em meados do seculo XVIII, o duque de Cadaval para as suas propriedades de Muge (Ribatejo), onde por muito tempo os explorou só pela manteiga. Em 1817 o illustre Mousinho da Silveira introduziu-os no Alto Alemtejo e lá os manteve, aproveitando-os tambem exclusivamente para o fabrico d'aquelle producto. A partir de 1834 generalizou-se em Lisboa o uso do leite d'estes animaes, e todos os pequenos cultiva-

dores do alfoz da capital começaram a fazer criação d'elles. Acclimatando-se, a um país sêco, de terras de olivedo e cereal, a rês da Groninga modificou-se, vindo a sua descendente, a turina, a ficar de pequena corpulencia, ossatura mais grossa, formas menos harmoniosas, chifres projectados para a frente com tendencia a acolchetarem; pelle muito menos fina e elastica; peito estreito; espinhaço quasi sempre ensellado, terço posterior muito menos desenvolvido; ubere menor e de conformação por vezes irregular. A pelage é a primitiva, malhada de preto e branco, em geral, de fulvo e branco ou de amarello e branco. A area da sua producção é o termo de Lisboa, sobretudo a zona de leste, mas por todo o país se encontra, proposta ao abastecimento dos centros populacionaes de maior importancia, em concorrencia com as cabras, que são ainda as principaes fornecedoras de leite nas terras de provincia. Na Andaluzia tem-se espalhado a turina importada de Portugal.

Nas duas primeiras regiões pecuarias o gado bovino anda em geral sujeito ao regime misto: de dia pasta nos lameiros ou nos montes, de noite recolhe aos estabulos (excepto no tempo quente) e ahi o pensam. As vacas afilhadas pernoitam sempre na arribana e até chegam a ser recolhidas ás horas de maior calor. As de criação e trabalho apascoam-se de outubro a fevereiro, de dia nos lameiros, e á noite recebem na loja algum feno e palha trilhada; de março a maio arraçoam-nas no estabulo com grelos de nabos, ferrã de centeio ou de cevada, feno, etc., e levam-nas ao lameiro duas horas de manhã e duas ao entardecer, depois de findo o trabalho; de junho a setembro pastam toda a noite nos lameiros, e de dia dá-se-lhes á manjedoura algum feno e folha ou bandeira de milho. No Barroso, no Suajo, no Gerez ha as «vezeiras» ou manadas constituidas pelas reses dos ganaderos da mesma povoação, os quaes se agremiam para em commum as apascentar nas terras pastoraes ou nos pascigos criados dentro do perimetro florestal das matas do Estado. Elegem os armentarios annualmente um *procurador*, e este com o *juiz*, que é o procurador do anno antecedente, com os *homens da fala*, e com mais alguns socios por elle escolhidos, formam a *junta* ou *acordo da vezeira*, que tem a seu cargo o governo da communidade, julga sem appellação as infracções do estatuto e resolve os pequenos litigios dos asso-

ciados. As femeas adultas, as novilhas de dois annos e as bezerras de anno formam tres vezeiras que pastam em liberdade pelas serras, desde o principio de maio a fim de setembro, sob a guarda dos donos ou de pastores de soldada. Na vezeira das vacas anda o touro de coberta, que é propriedade da junta.

A montanha e as terras altas são, em regra, productoras; a zona media e a litoral, essas recriam, exploram a força motriz e fazem a ceva. Por tal motivo em Barroso, Alvão, Miranda e Montemuro o armentio é quasi só constituido por vacas criadeiras. Começam ellas a tourar-se aos 22 meses e conservam-se em reproducção 10 ou 12 annos, indo por fim a engordar nos centros cevadores convizinhos, excepto as mirandesas, que saem todas para a Andaluzia. Os mareis, escrupulosamente escolhidos sempre de entre os almalhos mais robustos e de melhor estampa, principiam a cobrir aos 18 meses, aturando no mester até os 8 ou 10 annos nalguns sitios (Barroso), noutros (Miranda) até os 5 ou 6, idade em que os vendem aos marchantes de Zamora. As crias ableitam-se dos 4 aos 6 meses; parte das vitellas fica para substituir as vacas reformadas, as restantes talham-nas ou exportam-nas; os vitellos são quasi todos vendidos aos bezerreiros, que os levam a recriar em territorio mais pascigoso.

Nestas duas regiões os animaes passam constantemente de lavrador para lavrador, de terra para terra, de pastagem em pastagem. Comprados aos intermediarios logo após o desmame, uns iniciam-lhes a recriação que outros veem a acabar; estes começam a amansá-los, aos 18 meses, mettendo-os ao jugo; aquelles adestram-nos de vez no trabalho, que é a sua vocação dominante, e quando bem trainados e de todo afeitos ao labor, cada anno conhecem um ou mais donos, até que, em idade já avançada, vão parar ás mãos dos engordadores, depois de haverem valorizado as forragens a um sem numero de granjeiros para quem o interesse primacial do cultivo — tanto nos lameiros periodicamente vessados das terras altas, como nos extensos milharaes da faixa media e maritima, onde, pode dizer-se, o cereal se tornou subsidiario das especies pratenses — consiste em obter penso com abundancia. A continua migração de uma zona para outra mais ubertosa, a correlativa gymnastica funccional, a educação bem dirigida, dão de si essas reses magnificas — os fortes arouqueses que rudemente mourejam por todo o país vinhateiro duriense; os

barrosões, sertanejos, sobrios, de unha solida, excellentes para os caminhos alpestres de entre Douro e Minho, os mesmos que sobem as ruas montuosas do Porto, arrancando o vetusto carro romano, sob um jugo de forma archaica; e acima de todos os mirandeses, os melhores dos nossos motores animaes, que no centro litoral e nas baixas abrasadas do Sorraia apparecem em agigantados, poderosos cingeis, cheios de força e vigor, laborando na lavra violenta das terras fortes e fundaveis e nos serviços da mais pesada carretagem.

A engorda bovina é empresa contingente. Nos tempos em que havia exportação para a Gran Bretanha, saíam a barra do Porto magnificos bois finos gordos, que muito excediam os celebrados *durhams* ingleses. Hoje engorda-se unicamente para o país, e como as exigencias do mercado não sejam grandes no tocante á qualidade, e o consumidor de Lisboa, que absorve mais de um terço do total, se mostre resignado, acontece que a ceva é mal feita e recae em animaes velhos, extenuados por um longo periodo de serviço. Isto pelo geral, porque muitas povoações do Norte, como Porto, Braga, Vianna e varias outras, dispõem sempre de optima vianda.

As regiões productoras raro cevam, por lhes não abastarem os recursos forrageneos; limitam-se a pôr, para seu uso, em sufficiente estado de carnes as femeas criadeiras que se reformam e para as quaes não ha comprador. Os grandes centros cevadores são, ha muitos seculos, o concelho do Porto e boa parte do districto de Aveiro, mormente os concelhos de Ovar, Oliveira de Azemeis, Estarreja. A ceva nos arredores do Porto concorrem particularmente os bois do Minho, os barrosões e alguns paivotos; em Aveiro convergem todas as reses mirandesas, que os contratadores arrebanham pelas Beiras e Centro litoral. Os arouqueses, em grande numero engordam-se dentro do proprio solar, no curso inferior do Paiva, maravilhoso como paisagem, e de uma portentosa fecundidade. A ceva realiza-se em estabulação permanente ou, ás vezes, em regime misto, e nella se utiliza tudo que em forragens o territorio pode fornecer:—ferrãs, erva de prado, nabos, bandeira, folha e palha de milho, palha painça e centeia, alem de farinha de milho grosso, crua ou em papas, milho cozido, farelo de trigo, bagaços e outros residuos industriaes.

Em engorda intensiva o gado das duas regiões chega a attingir os pesos vivos e os rendimentos em carne limpa adeante indicados:

	Peso vivo — Kilogrammas	Percentagem da carne limpa
Barrosão.....	783	67
Arouquês.....	714	72
Minhoto.....	707	67
Mirandês.....	646	63

Na 3.ª região predomina a raça alemtejana e abunda a mirandêsa, principalmente a norte. Nas lezirias do Tejo e Sado criam-se em completa liberdade os bois bravos. A sua funcção principal é o toureio nas praças, mas tambem os aproveitam para trabalho quando já deram o que podiam naquelle mester. Apascentam-se durante a primavera nos alluviões de folga ou salgadiços, no estio em restolhos de cereal, e de inverno nas pastagens de charneca.

No Alemtejo o regime, em regra, é tambem o pastoril, mormente para as vacas de criação e para os novilhos antes da amansia; trazem-nos todo o anno em manadas, sem nunca as recolher, resguardando-as apenas no tempo mais frio nos *invernadouros* que constituem ainda hoje a grande reserva alimentar da pecuaria transtagana. Para elles entram os bovinos em outubro, quando os tiram dos montados. Isto é o geral, mas bastantes lavradores ha já que, alem das tradicionaes *arribanas e arramadas*, dispõem de bons estabulos destinados ás suas reses vacuns, e para ellas empalheiram fenos, palhas e moinhas, ensilam alcacêres e sementam nabos e couves. O gado de trabalho está commummente sujeito ao regime misto—de dia anda a prado, á noite é recolhido e arraçoado melhor ou peor. Deitam os touros ás vacas por todo o mês de dezembro e tiram-lh'os pelo S. Pedro; cada marel de 3 annos serve até 50 femeas; juntamente com elle anda um novilho de 2 annos, com o fim de as excitar e influir o padreador, o qual não consente nunca que este chegue a cobrir qualquer d'ellas. Os vitellos são ableitados ao fazerem um anno, e castrados pouco depois, excepto os garraios mais fortes, esbeltos e varudos de corpo que se guardam para reproductores. Só tarde os amansam, dos tres ou quatro annos, atrelando-os então ao arado; conservam-nos em serviço bastante tempo e é já velhos que os preparam para corte.

A ceva no Alemtejo faz-se sempre na pastagem (a engorda á mão, nas condições actuaes da cultura, daria perda e o lavrador de modo nenhum a quer tentar); começa em janeiro ou fevereiro, no fim das sementeiras, deixando o gado de trabalhar e largando-se-lhe as melhores pastagens até maio ou junho, em que a operação finda. O boi alemtejano, docil, robusto, vivo, de andadura rapida, é peculiarmente um animal de trabalho, o que não impede que engorde com certa facilidade. As reses da sub-raça alemtejana propriamente dita attingem 503 kilogrammas de peso vivo medio, e um rendimento de 50 por cento de carne limpa.

Com o alargamento da cultura cerealifera o numero de existencias bovinas tem aumentado depois do ultimo censo, ao contrario do que succede nas duas outras regiões, onde a diminuição do gado vacum parece accentuar-se, desde que o numero de familias lavradoras, em virtude da constante emigração para as cidades, começou a decrescer sensivelmente.

Apenas na zona mais setentrional o gado passa successivamente de cultivador para cultivador e de terra para terra. No sul o lavrador produz as suas reses, recria-as, explora-lhes o trabalho e por fim engorda-as, desfazendo-se apenas do refugo e de algumas que, em novas, são destinadas ao talho.

O Algarve, geographicamente, pertence ao peneplano do Alemtejo, mas agricolamente é uma pequena zona, bem differente do restante territorio transtagano. Na sua estreita orla litoral, muito povoada e intensivamente cultivada desde epocas remotas, sobretudo depois da invasão muçulmana, não ha manadas; cada casaleiro possue, em regra, uma junta, e por toda a provincia se adopta o systema alimentar de pasto e curral. A ceva, mais bem feita que no Alemtejo, é em regime misto, e constitue uma pequena industria assaz lucrativa; das reses engordadas que sobram do parco consumo local parte vem para Lisboa, e com as restantes se abastecem varios matadouros da Andaluzia, sendo o de Huelva, por exemplo, exclusivamente fornecido de gado algarvio. Estes animaes pesam em vivo 344 kilogrammas, termo medio, e rendem 53 por cento de carne limpa.

As vacas das raças indigenas são pouco leiteiras: as barrosãs, arouquesas e minhotas produzem annualmente 1:200 litros quando muito; as mirandesas metade e as alemtejanas apenas o bastante

para amamentarem os filhos. A hollandesa aclimatada, ou turina, unica que se explora exclusivamente para leite, dá por anno uns 2:200 litros em media[1].

Gado ovino. — Os ovinos portugueses filiam-se em dois typos, o *bordaleiro* e o *merino;* ha tambem formas mistas derivadas de cruzamento de um com o outro.

O *bordaleiro* é de pouco corpo, perfil ligeiramente convexo, chifres (quando os tem) de pequena volta espiral, ou, com frequencia, quasi direitos; cabeça e pernas deslanadas. O vello, branco ou preto, consta de duas sortes de pêlos: os *cabrios,* grossos, compridos, quebradiços; e os *lanosos,* mais ou menos finos e macios, curtos, irregularmente frisados — os quaes ora se apresentam embaraçados uns nos outros, em guisa de feltro, ora se agrupam em mechas longas e aguçadas. Conforme a sua abundancia e a disposição que tomam, assim os bordaleiros se capitulam de *churros, feltrosos* e *communs:* nos churros predominam os pêlos cabrios; nos feltrosos ha ainda muitos d'esta qualidade, mas são os lanosos que compõem quasi todo o vello; nos communs os pêlos cabrios ficam isolados nalgumas partes do corpo (cabeça e membros principalmente) e a lã, em geral grosseira, dispõe-se em repas um pouco frisadas e pontudas. Tanto os bordaleiros communs como os feltrosos e churros — estes ultimos denominados *serranos, charnequeiros* e tambem *careos,* talvez por terem a cara deslanada — andam espalhados por todo o reino, mormente a norte do Tejo.

O *merino* é semelhante ao carneiro espanhol do mesmo nome, differindo d'elle apenas na corpulencia. Tem a cabeça forte, o perfil bastante convexo, chifres retorcidos em espiral, pelle bamba fazendo pregas no pescoço (*gravata ou collar merino*), membros curtos. O vello, sem pêlos cabrios, recobrindo a maior parte da cabeça e as pernas, é de lã fina, com fibras macias, onduladas, reunidas em mechas quasi cylindricas. Existem merinos no campo ribatejano, nos arredores de Lisboa, onde os conhecem pela desi-

---

[1] Sobre producção de leite, tanto na especie bovina como na lanar e caprina, veja-se o artigo do Sr. Joaquim Rasteiro sobre *Industria leiteira,* inserto neste livro.

carros alemtejanos, tão curiosos e caracteristicos, ainda percorrem em todos os sentidos as vastas extensões ermas da provincia transtagana, e no proprio centro da Estremadura, de Lisboa a Torres Vedras, entre dois caminhos de ferro, muitos vehiculos semelhantes áquelles atravessam diariamente a area do abastecimento da capital, trazendo á cidade as variadissimas producções d'esta fertil região.

*

* *

Nas ilhas adjacentes, logo após a descoberta, introduziram-se as raças domesticas do reino, e mais tarde algumas estrangeiras para se acclimatarem ou cruzarem com estas, — de modo que a actual população pecuaria dos dois archipelagos consta de descendentes genuinos das reses continentaes, differindo d'ellas pelas modificações derivadas da ambiencia insular, e de mestiços nascidos da união das indigenas com as exoticas. Os cruzamentos recairam particularmente sobre a especie bovina, sendo o elemento cruzador constituido por individuos das raças Jersey, Durham, hollandêsa, schwizer, e d'elles resultando um grupo armentoso de caracteres já hoje fixos — na Madeira pelo menos — com menor resistencia que o gado terrantês, mas de vocação leiteira mais pronunciada.

João Tierno,

Director da Estação Zootechnica Nacional.